

**A mística do amor como regra de ouro para o caminho dialogal:
uma leitura teológica a partir da “religação” zubiriana**

**The mysticism of love as a golden rule for the dialogical journey:
a theological reading from the Zubirian “religation”**

*Carlos Milton dos Santos**

Resumo: O mundo contemporâneo é caracterizado pela pluralidade, diversidade e múltiplas oportunidades reflexivas e propositivas. Estamos gradualmente abandonando um modelo de sociedade fundamentado em uma racionalidade homogênea, passando a abraçar a inclusão das inúmeras possibilidades. Isso exige que aprendamos a lidar com a complexidade, dialogando com todas as perspectivas. Pois, neste momento marcado por polarizações, conflitos e desafios interculturais, o diálogo autêntico e respeitoso se torna uma necessidade premente. Nesse contexto, a busca por uma abordagem que promova a compreensão mútua, a empatia e a harmonia nas relações humanas é de extrema importância. É nesse cenário que a mística do amor emerge como uma poderosa força transformadora, capaz de orientar e enriquecer o caminho dialogal. Dessa forma, este artigo propõe uma reflexão sobre a importância da mística do amor como uma regra de ouro no caminho dialogal, com base na abordagem teológica da “religação” proposta por Zubiri, bem como na contribuição de Raimon Panikkar para o diálogo inter-religioso e intercultural. Por meio da pesquisa bibliográfica e uma análise cuidadosa dos pensamentos de Zubiri e Panikkar e suas compreensões da experiência religiosa, exploraremos como essa dimensão mística pode desempenhar um papel fundamental na promoção do diálogo e na busca por uma conexão autêntica com a realidade fundante e a interpessoal. Ao longo do artigo, será apresentada uma análise teológica que enfatiza o papel transformador do amor e sua capacidade de criar uma base sólida para um caminho dialogal enriquecedor. No primeiro momento, abordaremos a “religação” zubiriana, explorando suas ideias sobre a experiência religiosa como um processo de busca por uma conexão transcendental e interpessoal. Em seguida, adentraremos na compreensão da dimensão do amor como uma regra de ouro, analisando sua dimensão mística e seu poder de direcionar nossos relacionamentos. Veremos como essa mística pode estabelecer as bases necessárias para um diálogo autêntico e enriquecedor, levando em consideração as perspectivas de Raimon Panikkar. Ao final deste estudo, esperamos que os leitores sejam inspirados a abraçar a mística do amor como uma bússola para o diálogo. Que possamos reconhecer o potencial transformador do amor e sua capacidade de construir pontes, entre pessoas, culturas e tradições, guiando-nos rumo a um mundo mais compreensivo, solidário e em harmonia.

Palavras-chave: Zubiri; Mística do amor; Regra de ouro; Caminho dialogal; Religação.

* Mestrando em Teologia Cristã pelo Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, bolsista Adveniat e membro do Grupo de Pesquisa Liturgia e Inteligência Senciente.

E-mail: carlosmiltonm@gmail.com

Abstract: The contemporary world is characterized by plurality, diversity, and multiple reflective and propositional opportunities. We are gradually abandoning a model of society based on homogeneous rationality and embracing the inclusion of countless possibilities. This requires us to learn to deal with complexity, dialoguing with all perspectives. At a time marked by polarization, conflict and intercultural challenges, authentic and respectful dialogue is a pressing need. In this context, the search for an approach that promotes mutual understanding, empathy and harmony in human relations is extremely important. It is in this scenario that the mystique of love emerges as a powerful transformative force, capable of guiding and enriching the dialogical path. In this way, this article proposes a reflection on the importance of the mysticism of love as a golden rule in the dialogical journey, based on the theological approach of “reconnection” proposed by Zubiri, as well as Raimon Panikkar's contribution to interreligious and intercultural dialog. Through bibliographical research and a careful analysis of the thoughts of Zubiri and Panikkar and their understandings of religious experience, we will explore how this mystical dimension can play a fundamental role in promoting dialog and the search for an authentic connection with the founding reality and the interpersonal. Throughout the article, a theological analysis will be presented that emphasizes the transformative role of love and its ability to create a solid foundation for an enriching dialogical journey. Firstly, we will look at Zubiri's “reconnection”, exploring his ideas about religious experience as a process of searching for a transcendental and interpersonal connection. We will then move on to understand the dimension of love as a golden rule, analyzing its mystical dimension and its power to direct our relationships. We will see how this mysticism can lay the necessary foundations for an authentic and enriching dialog, considering the perspectives of Raimon Panikkar. At the end of this study, we hope that readers will be inspired to embrace the mystique of love as a compass for dialogue. May we recognize the transformative potential of love and its ability to build bridges between people, cultures, and traditions, guiding us towards a more understanding, supportive and harmonious world.

Keywords: Zubiri; Mysticism of love; Golden rule; Dialogical journey; Religion.

Introdução

No mundo atual, marcado por polarizações, conflitos e desafios interculturais, o diálogo autêntico e respeitoso se torna uma necessidade premente. Dessa forma, a busca por uma abordagem que promova a compreensão mútua, a empatia e a harmonia nas relações humanas é de extrema importância. É nesse cenário que a mística do amor emerge como uma poderosa força transformadora, capaz de orientar e enriquecer o caminho dialogal e, de promover a unidade e a comunhão entre as pessoas.

Além das contribuições de Zubiri¹, também nos inspiramos em Raimon Panikkar², que enfatiza a importância de uma abordagem interreligiosa e intercultural para o diálogo. Sua visão ampla e inclusiva do diálogo nos leva a considerar a mística do amor como um elemento essencial para transpor diferenças e estabelecer conexões profundas em meio à diversidade e pluralidade.

No primeiro momento, abordaremos a filosofia zubiriana e a religação, explorando suas afirmações sobre a experiência da religiosidade como um processo de busca por uma conexão transcendental e interpessoal. Em seguida, adentraremos alguns textos da Sagrada Escritura na compreensão da dimensão do amor como uma regra de ouro. Por fim veremos como essa mística pode estabelecer as bases necessárias para um diálogo autêntico e enriquecedor, levando em consideração as perspectivas de Raimon Panikkar.

1 O caminho até a “religação” zubiriana e a religiosidade

Para introduzir o termo da religação vamos utilizar, em sintonia com a filosofia de Xavier Zubiri, o pensamento contemporâneo de Edgar Morin, ao afirmar que “o ato ético é um ato de religação: com o outro, com os seus, com a comunidade, e uma inserção na religação cósmica” (MORIN, 2005, p. 13). Com isso, em vez de tratar o conhecimento como algo isolado e desvinculado da realidade, a religação nos leva a reconhecer a importância de considerar o contexto mais amplo e os impactos éticos das nossas ações e conhecimentos.

Por falar em “desvinculado da realidade”, lembramos que a realidade é justamente o ponto crucial na filosofia zubiriana que passou por três fases até chegar ao que chamamos fase

¹ Xavier Zubiri (1898-1983) foi um filósofo espanhol conhecido por suas contribuições para a filosofia da religião e metafísica. Ele foi membro da Escola de Madri, composta por filósofos como José Ortega y Gasset, José Gaos e Julián Marías. Zubiri recebeu formação filosófica e teológica em Madri e Roma. Posteriormente, aprofundou seus estudos em filosofia na Universidade de Lovaina, onde escreveu sua dissertação sobre fenomenologia. Ele estudou com Edmund Husserl e Martin Heidegger em Freiburg, na Alemanha, e estudou física, filologia e biologia em Berlim. Durante sua estadia em Berlim, Zubiri teve a oportunidade de interagir com importantes figuras acadêmicas da época, como Albert Einstein, Max Planck e Erwin Schrödinger.

² Raimon Panikkar, um teólogo e filósofo místico contemporâneo, oferece *insights* valiosos para nossa compreensão da mística do amor como regra de ouro no caminho dialogal. Ele enfatiza a importância de reconhecer a riqueza e a diversidade das tradições religiosas e culturais, e a necessidade de uma abordagem inclusiva que promova o encontro respeitoso entre elas. Pelo fato de ser filho de mãe catalã e de pai hindu, propiciou o encontro entre oriente e ocidente. Com uma abordagem multidimensional e uma linguagem pluralista e aberta, oferece um valioso itinerário de matiz pluralista – Cristã e Hindu –, para uma autêntica e construtiva experiência de Deus, não a partir de conceitos ou teorias, mas a partir do próprio homem como realidade integrada e como o *locus* irrenunciável da manifestação da divindade.

madura. A primeira etapa foi a fenomenológica de Husserl, “voltar às coisas mesmas”, que significa uma volta do psíquico às coisas mesmas e não apenas como uma teoria do conhecimento. Contudo, para a fenomenologia as tais coisas eram o correlato objetivo e ideal da consciência, o que para Zubiri sempre pareceu obscuro e insuficiente.

Já Heidegger, a partir da fenomenologia, observou a diferença entre as coisas e o seu ser, e esta foi a segunda etapa, em que a metafísica passa a fundar-se na ontologia. Porém, Zubiri não renunciando a sua liberdade de filosofar, e já na terceira etapa, com maturidade e muita reflexão, se posicionará definitivamente afirmando que o ser se funda na realidade e não o contrário. Assim, para ele, a metafísica é o fundamento da ontologia, portanto, o que a filosofia estuda não é nem a objetividade e nem o ser, mas a realidade enquanto tal, e esta é a etapa rigorosamente metafísica (ZUBIRI, 2010, p. 27s).

Engana-se, todavia, quem pensa tratar-se do realismo ingênuo da metafísica clássica. Para Zubiri a realidade supõe uma importante modificação de como tradicionalmente se entendia esse conceito. A realidade tem a ver com aquilo cujas notas têm uma suficiência constitutiva que possibilita autonomia para se atualizar no mundo, e isto é substantividade e não substância. A pessoa sente as coisas como realidade quando as apreende de forma física e não conceitual.

Assim, muito caro para Zubiri é a questão da inteligência. “A função formal e radical da inteligência consiste em apreender as coisas como realidades, na forma de realidade” (ZUBIRI, 2008, p. 106). Nessa apreensão, a inteligência senciente não pode ser comparada ao dualismo da tradição do pensar que separa sentir e inteligência em coisas distintas, pois o sentir e o inteligir são parte de um único ato de apreensão senciente do real. “Todos os sentimentos humanos, mesmo os mais elementares e superficiais, envolvem um momento de realidade como tal” (ZUBIRI, 2015, p. 67).

A experiência do sentir nos instala de forma radical na realidade, é um processo senciente, que não se trata de uma simples excitação biológica, desencadeada por substâncias psicoquímicas e que determinam um processo fisiológico, mas sim, deriva de um momento de suscitação que provoca uma modificação tônica e que obriga a uma resposta (ZUBIRI, 2011, p. xxxix). Então a inteligência senciente é aquela que apreende impressivamente as realidades e, na qual distinguem-se três momentos: suscitação, modificação tônica e resposta.

A suscitação na apreensão também possui uma estrutura formal que pode ser dividida em afecção, alteridade e força de imposição. O que desperta na apreensão afeta o homem, pois a afecção é um momento marcante. No ato em si apreende-se que, o que afeta é algo “outro”, portanto corresponde ao segundo momento, a alteridade. E, finalmente, o que afeta o fará com uma força imponente, portanto, a imposição (ZUBIRI, 2012, p. 67). Assim, a essência do ato de apreensão consistirá na mera atualização da realidade, pois pela apreensão o homem se instala na própria realidade. A afeição humana é afeição vivenciada na realidade, a alteridade no homem é realidade e a força de imposição é também a força da realidade, é o poder do real.

Na sua obra póstuma, *El hombre y Dios*, o filósofo basco nos permite compreender que Deus não é uma causa metafísica clássica. A funcionalidade de Deus consiste em ser o fundamento da realidade, onde Ele é seu constituinte formal. Deus oferece possibilidades aos humanos, através das situações e, portanto, nos impele como pessoa a existir escolhendo as possibilidades oferecidas pela realidade, e sendo assim, Ele é o nosso suporte. “Deus, sendo um constituinte formal das coisas, dá-se à realidade. Essa doação de Deus cria uma tensão teológica entre o eu e a realidade” (ZUBIRI, 2012, p. 194-195). Portanto, tornando-se impossível ao homem separar Deus da realidade.

“Deus não está *extra vitam* (fora da vida), nem tampouco *juxta mundum* (ao lado do mundo), mas *intra realitatem* (dentro da realidade), (...) o homem, ao viver na sua experiência, nota que Deus está incluído no seu ser, na sua vida” (TEIXEIRA, 2013, p. 135). Nessa perspectiva, Deus está em tudo, e o homem emprega a própria vida para chegar “até” Deus, onde a partir da vida e a existência deste mesmo homem traz consigo a tarefa de se religar ao poder daquilo que é real (MATTOS, PONCHIROLI, 2016). Sendo assim, para Zubiri,

A religação se dá nessa abertura da realidade do homem que permite que Deus se atualize em seu fazer-se, onde o poder do real confere aquele caráter verdadeiro dessa experiência. Isso se deve precisamente ao fato de que o homem e Deus estão numa unidade absoluta e numa distinção em caráter relativo. Deus é o absolutamente absoluto, isso é, aquele que tem por si seu caráter absoluto, e o homem recebe esse caráter absoluto de Deus, constituindo-se assim como relativo, ou seja, o homem é relativamente absoluto. (ZUBIRI, 2012, p. 41)

Agora já é possível relacionar a religação com a experiência religiosa, que segundo Xavier Zubiri, vai além de práticas e crenças, envolvendo uma dimensão profunda de conexão

com a divindade (realidade absolutamente absoluta) e interpessoal (alteridade). Zubiri propõe o conceito de “religação” para descrever essa experiência, destacando a ideia de reconexão com o transcendente e a necessidade de uma abordagem dialogal nesse processo. Contudo, neste sentido, o filósofo Francisco Ortega irá destacar que:

O poder do real impele o homem arrastando-o para a intelecção de uma realidade fundamento, é a experiência radical do homem em seu viver, é o problematismo ante o enigma radical pelo termo que adquirirá meu eu na vida, mas eu poderia ficar-me aqui, sem mais, na mera problematicidade, ou seja, a entrega a essa realidade-fundamento é algo optado, assim eu opto por aderir-me a ser absolutamente eu em meu modo de ser relativo. (ORTEGA, 2000, p. 273)

Dessa forma, apesar do poder do real me impelir para a realidade fundamento, devido à liberdade humana, a adesão é uma opção entre as possibilidades da vida, na qual as dimensões social e histórica da pessoa humana influenciam a concreção da fé. Segundo Zubiri, “a história das religiões representa a experiência que os povos tiveram de Deus ao longo da história, incluindo a história da fé desses povos” (ZUBIRI, 2012, p. 302). Isso não é relativismo, o que Zubiri diz é que a realidade fundamental de Deus é percebida com diferentes aspectos.

De acordo com Zubiri, a fé consiste na dimensão radical da entrega a Deus, o que afeta a totalidade do ser humano. A entrega, nesse sentido, é o que Zubiri chama de religião, que é a plasmação da religação. Todavia, nem toda plasmação leva a uma religião, por isso, melhor dizer religiosidade. A história das religiões é a experiência teológica da humanidade, tanto individual como social e histórica, sobre a verdade última do poder do real, de Deus (ZUBIRI, 2012, p. 380). Porém, o Deus a que Zubiri se refere não é o Deus de uma determinada religião, mas daquele Deus enquanto realidade absolutamente absoluta.

Portanto, temos diante do fenômeno da religião um fato da realidade que vai ao encontro de uma alteridade concreta, pois partem de pessoas que convivem como realidades respectivas e abertas, que estão inseridas num ambiente de coletividade intercultural e conseqüentemente de pluralismo religioso, num horizonte extremamente alargado pela globalização. Assim, temos pessoas imersas numa situação religiosa, cuja “diversidade de religiões é uma diversidade que, em última instância, deve apoiar-se numa diversa concepção dos deuses” (ZUBIRI, 2008, p. 124). Essas diferentes concepções ao longo da história formularam, de maneira sintética, três distintos caminhos: o panteísmo, o politeísmo e o monoteísmo.

A via da religião chegou filosoficamente a uma realidade absolutamente absoluta que é realidade última possibilitante e impelente, isto é, ao Deus das religiões enquanto Deus (ZUBIRI, 2012, p. 152). Dessa forma, diante da realidade concreta do pluralismo religioso, veremos como o diálogo desempenha um papel crucial nesse processo. Mas antes de tratarmos sobre o diálogo vamos percorrer alguns textos bíblicos que irão fundamentar a regra de ouro para este diálogo.

2 A dimensão do amor como regra de ouro

Primeiramente vamos discorrer sobre o que seja a regra de ouro, cabe ressaltar que estamos tratando de um tema das Sagradas Escrituras, porém o termo em si não faz parte do texto bíblico. Todavia em algumas Bíblias ela aparece como título da perícopé e como nota de rodapé³ ou apenas nos comentários das notas de rodapé. Trata-se de um princípio ético fundamental que orienta o comportamento humano. É uma instrução clara e concisa que nos convida a tratar os outros da maneira como gostaríamos de ser tratados. Essa regra é mencionada por Jesus Cristo durante seu Sermão da Montanha⁴, registrado nos evangelhos de Mateus e Lucas: “Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, pois esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7,12). “Aconteça o que acontecer, façam aos outros o que vocês querem que eles façam a vocês. Se vocês amam aqueles que os amam, que mérito vocês têm? Até os pecadores amam aqueles que os amam” (Lc 6,31-32).

Essa regra de ouro é um princípio de conduta que ultrapassa fronteiras religiosas e culturais. Ela ressoa como uma moral inerente a muitas tradições e nos lembra da importância de considerar o bem-estar dos outros em nossas ações e decisões. Dessa forma baseia-se na empatia e na compaixão, incentivando-nos a colocar-nos no lugar do outro e a agir com bondade, justiça e respeito. Ela nos desafia a superar nossos próprios interesses egoístas e a tratar os outros com dignidade, considerando suas necessidades e desejos.

³ Bíblia de Jerusalém: Mt 7,12 A regra de ouro - Essa máxima de comportamento era bastante conhecida desde a antiguidade, especialmente no judaísmo. (cf. Tb 4,15; Carta de Aristeu, Targum de Lv 19,18, Hilel, Filon e outros), mas sob forma negativa, insistindo que não devemos fazer a outrem aquilo que não queremos que nos façam. Jesus e, depois dele, os escritos cristãos dão a essa máxima uma forma positiva, que é bem mais exigente.

⁴ O Sermão da Montanha termina com esta regra de ouro; a novidade que propõe não está em que é expressa em forma positiva, isso seria só questão de matizes. Sua novidade se encontra na perspectiva radicalmente diferente sob a qual se coloca: a presença do Reino de Deus entre nós, que revoluciona o comportamento mútuo abrindo-o à criatividade de um amor que não conhece proporções nem limites.

Este texto bíblico pode nos remeter a muitos outros, mas nos permitiremos ir à Carta de Paulo aos Romanos: “Não devais nada a ninguém, a não ser o amor mútuo, pois quem ama o outro cumpriu a Lei. De fato, os preceitos: *Não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não cobiçarás*, e todos os outros se resumem nesta sentença: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*. A caridade não pratica o mal contra o próximo. Portanto, a caridade é a plenitude da Lei”. Aqui podemos observar que o texto traz uma síntese dessa regra: a caridade.

Além de sua inclusão nos ensinamentos de Jesus, a regra de ouro também pode ser encontrada em várias outras religiões e filosofias ao longo da história⁵. Também no judaísmo encontramos: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19,18).

Ao aplicarmos a regra de ouro em nossas vidas, promovemos a construção de relacionamentos saudáveis e significativos, baseados no amor e na reciprocidade. Ela nos leva a refletir sobre nossas ações e a considerar o impacto que elas têm nos outros. Além disso, nos desafia a combater a injustiça, a opressão e todas as formas de discriminação, buscando promover a igualdade e a dignidade de todas as pessoas. E, principalmente, estamos seguindo o exemplo de amor e compaixão estabelecido por Jesus Cristo. Ele ensinou que amar a Deus e amar o próximo eram os dois mandamentos mais importantes (Mt 22,37-39). O amor ao próximo, expresso através da regra de ouro, é um reflexo do amor a Deus, pois reconhecemos a imagem de Deus em cada pessoa e respondemos a ela com amor e cuidado.

Como fundamento antropológico-teológico o amor ao próximo é o mesmo do amor a Deus. Como já tratamos neste artigo, a pessoa é uma realidade relativamente absoluta (ZUBIRI, 2012, p. 93). Essa relatividade apoia-se sobre o fato da sua ligação formal com a realidade, em relação à qual ele se compreende como um “eu-diante-de”. Imersa no real, a pessoa compreende que seu “eu” não é único, mas existem também “outros”, que são afetados da mesma forma pelo poder do real e que estão sob a mesma potência fundamental, Deus. É a religação com esta realidade última que põe a pessoa em conexão com todos aqueles com os quais ela está conectada de forma “fundamental”.

⁵ No Islã: “Nenhum de vocês é um crente até que ame por seu irmão o que ama por si mesmo” (Sahih Muslim, Livro 45, Hadith 35).

No Budismo: “Que todos os seres sejam felizes e seguros. Que eles tenham paz mental. Quaisquer que sejam os seres vivos, fracos ou fortes, longos, altos, médios, curtos, sutis ou grosseiros, visíveis ou invisíveis, próximos ou distantes, nascidos ou por nascer, que todos os seres sejam felizes” (Metta Sutta).

Hinduísmo: “Ahimsa”, que significa não violência ou não causar danos aos outros seres. O conceito de Ahimsa é central no hinduísmo e é considerado um dos princípios fundamentais para alcançar a harmonia e a paz. (Mahabharata, Anushasana Parva, 113:8).

Assim podemos entender que, essa dimensão do amor como regra de ouro tem implicações profundas em nossas interações sociais e na construção de um mundo melhor. Afinal de contas, “tudo está interligado”, conforme encontramos na Carta Encíclica *Laudato si'* do Papa Francisco.

Nunca é demais insistir que tudo está interligado. O tempo e o espaço não são independentes entre si; nem os próprios átomos ou as partículas subatômicas se podem considerar separadamente. Isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela. (LS, 138-139)

Portanto, quando tivermos bem claro o entendimento disso, tudo se torna mais simples, deixamos as antigas relações de interesse e abrimo-nos para a alteridade. Essa abordagem dialogal e empática nos ajuda a superar diferenças, a resolver conflitos e a construir pontes de entendimento. Assim, podemos estender nosso amor e cuidado não apenas aos que estão próximos a nós, mas também aos estrangeiros, aos necessitados e aos marginalizados. Dessa forma, não apenas transforma nossos relacionamentos individuais, mas propicia uma harmonia já gozada pelos místicos, não apenas cristãos, mas das mais diversas religiosidades. E é sobre isso que trataremos a seguir, com destaque a Raimon Panikkar.

3 A mística do amor como fundamento para o caminho dialogal

Como já citamos o amor desempenha um papel fundamental para o caminho dialogal. O amor nos capacita a superar as diferenças e a nos conectar de forma genuína com o outro, promovendo um espaço de diálogo. Pois, de acordo com Martin Buber: “Também o amor possui natureza dialógica, pois obriga a sair-de-si-em-direção-ao outro” (BUBER, 1982, p. 54). E, diz ainda que:

O elemento essencial do movimento dialógico consiste em voltar-se-para-o-outro. Do meio do todo, emerge alguém que se transforma em presença e, a partir daí, o mundo deixa de ser uma multiplicidade indiferente de pontos para receber uma forma, libertando-se da indiferença. O movimento contrário, o monológico, é o dobrar-se-em-si-mesmo, isto é, retrair-se diante da aceitação, na essência do seu ser, de uma outra pessoa na sua singularidade. O outro aqui se torna apenas uma parte do meu eu. Nesse caso, o diálogo é pura ilusão. (BUBER, 1982, p. 58)

Então, a mística do amor nos convida a transpor as barreiras do egoísmo e do individualismo, reconhecendo a interconexão de todos os seres humanos. Neste sentido vamos agora apresentar a amplitude da filosofia de Panikkar, a qual emerge não apenas de sua capacidade intelectual e espiritual, mas também de sua vivência intercultural ao longo de toda a sua vida. Sua extensa obra não apenas testemunha seu temperamento versátil, mas também revela o vasto universo em que ele habita, se movimenta e se torna (D'AS, 1996, p. 26-27).

Assim poderemos entender o que para Panikkar é a filosofia. A sua filosofia intercultural corresponde a uma atividade humana.

Ao dizer atividade, queremos superar o reducionismo que representa uma certa concepção da filosofia como algo meramente teórico. Uma filosofia intercultural não pode eliminar a dimensão da práxis, entendida não apenas em um sentido platônico e/ou marxista, mas também eminentemente existencial, para usar outra palavra polissêmica. A palavra 'atividade' também quer destacar que se trata de um ato, de um agir humano e, portanto, não precisa se limitar a uma mera operação mental ou racional. (PANNIKAR, 1996, p. 130)

É visível que para Panikkar a filosofia não deve ser algo apenas teórico ou que não tenha uma aplicação prática. A práxis, então, é a atividade pela qual o ser humano participa dando-se conta, de forma mais ou menos crítica, da descoberta da realidade e vai se orientando nela e por ela.

Dessa forma, para ele deve haver uma relação entre teoria e prática, na qual a filosofia não significa somente amor à sabedoria, mas é a sabedoria do amor, ou sabedoria amorosa. Então o filósofo é um amante; com um estilo de vida que busca harmonia, na qual o amor ao conhecimento e o conhecimento do amor se unem culminando numa experiência única. Por isso, para fazer filosofia é necessário ter um “coração puro”, um “espírito ascético” e uma “entrega total”. Raimon Panikkar é um filósofo profundamente comprometido, em busca da plenitude da realidade. Ele foi dominado pela paixão pelo todo. E assim como Kant e Ortega, ele não ensinava filosofia, embora conhecesse bem a história da filosofia ocidental e do pensamento oriental, ele ensinava a filosofar (ORTEGA Y GASSET, 1997).

Aqui temos uma grande semelhança com uma frase de Zubiri, que após muito labor em cima da tradição filosófica, na sua obra *Natureza, História, Deus* (2010) veio dizer que “a filosofia, pois, deve ser feita, e por isso não é questão de aprendizado abstrato” (ZUBIRI, 2010,

p. 64). Neste sentido podemos nos perguntar se há algo em comum entre esse fazer filosofia de Raimon Panikkar e de Xavier Zubiri, e a resposta virá do próprio autor de sua biografia, o teólogo Maciej Bielawski (BIELAWSKI, 2014). Segundo Meinhardt, Bielawski descreve que Panikkar frequentou os cursos de Xavier Zubiri e, que muitos dos temas compartilhados são questões que Panikkar posteriormente sempre retomou na sua trajetória de vida.

[...] sobre a dimensão histórica e teológica do ser humano, bem como suas reflexões sobre a filosofia da ciência e sobre a relação entre homem e Deus, na qual Deus não pode ser reduzido a objeto de conhecimento humano. Todos eles são temas que Panikkar mais tarde retomaria e desenvolveria ao longo de sua vida. (BIELAWSKI *apud* MEINHARDT, 2020, p. 21)

Apenas isso já nos seria suficiente para demonstrar que houve uma proximidade entre eles, mas além de outros reconhecimentos citados por Meinhardt tem um ponto que é central, a inteligência senciente. “É mérito de Xavier Zubiri ter enfatizado o caráter unitário da inteligência humana que é ao mesmo tempo sensível e inteligente” (PANNIKAR *apud* MEINHARDT, 2020, p. 21).

Aqui faz-se importante destacar a postura crítica de Zubiri ao dualismo, principalmente no que tange à dualidade entre o sentir e inteligir. Em várias de suas obras veremos essa crítica, na qual discorre ter ocorrido por toda a história da filosofia e que influenciou uma inteligência denominada por ele de concipiente e, que por sua vez, formulou conceitos abstratos. Pois bem, conforme o que Meinhardt pesquisou e descreve em seu artigo e seguindo a linha de confluência de pensamento com Zubiri,

Panikkar teoriza que sua filosofia dialógica é regida pela harmonia. A harmonia expressa a realidade interreligiosa de uma maneira não dualista, ou seja, evita o diálogo dominado, às vezes pela razão ou, às vezes, pelo sentimento. Essas partes não são independentes, mas formam o diálogo como um todo. Ao mesmo tempo, a razão e a sensibilidade, o logos e o coração são ativados. Ao escapar da exclusividade do controle racional, Panikkar se aproxima de um de seus herdeiros intelectuais: Zubiri. (MEINHARDT, 2023)

Assim, fica evidenciado também em Panikkar o pensar unitário ou não dualista em seu filosofar dialógico e que promove a harmonia no caminho dialogal. Mas como entender essa harmonia? Em que sentido podemos relacioná-la com a mística do amor e como fundamento para o caminho do diálogo?

A resposta já nos foi dada nesta mesma citação, ou seja, quando na integralidade do diálogo a razão e o coração unitariamente são ativados. E, neste sentido, Panikkar, esse grande místico, de forma poética vai apresentar o coração como categoria filosófica e que propicia a harmonia no diálogo criando pontes interreligiosas e interculturais (MEINHARDT, 2023), e porque não incluir também intraculturais. Afinal, se compreendemos que como pessoa somos realidades que estão respectivamente abertas à alteridade e estamos religados à realidade absolutamente absoluta, tudo faz parte de uma grande interconexão. Então, a vida mística ou a vida do místico, além de contemplativa, é sempre uma busca por essa harmonia, e assim foi a vida desse grande místico, Raimon Panikkar.

Conclusão

Ao enfrentar os desafios e buscar uma prática autêntica do amor no diálogo inter-religioso e intercultural, torna-se evidente que essa mística que conduz à harmonia não é apenas um conceito teórico, mas uma proposta que exige ações concretas e engajamento ativo. Nesse sentido, nos convida a superar nossas diferenças e a cultivar uma abordagem de coração aberto no diálogo, onde a escuta atenta, a compaixão e a aceitação mútua sejam fundamentais.

É um desafio a superar estereótipos, preconceitos e dinâmicas de poder, buscando a transformação pessoal e social e, que nos provoca a ir além de nossas tradições religiosas e culturais, sem, contudo, dissimular a própria fé, buscar uma espiritualidade inclusiva que reconheça e valorize a diversidade humana. Pois, na dinâmica cosmoteândrica de Panikkar, o mundo é o elemento que expressa o lugar onde as coisas acontecem, onde Deus se manifesta e onde o homem o encontra.

Por fim, exemplos de vida e pensamento como os de Xavier Zubiri e Raimon Panikkar, entre tantos outros teólogos, filósofos e místicos, que buscam essa harmonia, são as grandes testemunhas que nos indicam o caminho do coração como uma dimensão mística, como um chamado para uma prática dialogal comprometida com a paz e o bem de nossa *Oikoumene*. Afinal, nada existe fora da realidade absolutamente absoluta pois “Nele vivemos, e nos movemos e existimos” (At 17, 28).

Referências

- BIELAWSKI, M. *Panikkar: una biografía*. Barcelona: Fragmenta Editorial, 2014.
- BUBER, M. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. (LS). São Paulo: Paulinas, 2015.
- MATTOS, A. L. PONCHIROLLI, O. A inteligência da realidade Deus enquanto fundamento da existência humana na metafísica de Xavier Zubiri. In: *Kalagatos*, v. 13, n. 25, 2016.
- MEINHARDT, G. *Xavier Zubiri como fundamento de la metafísica de Raimon Panikkar*. Disponível em: <https://ojs.cimedoc.uniba.it/index.php/postfil/article/view/1440>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- MEINHARDT, G. Zubiri no Brasil: encobrimento e descobrimento. In: BERNARDES, M. COSTAS, V. NEVES, M. (Orgs.). *Xavier Zubiri: Interfaces*. São Paulo: Ideias & Letras, 2020. p. 13-32.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- ORTEGA, F. *La teología de Xavier Zubiri*. Huelva: Editora Andaluza, 2000.
- ORTEGA Y GASSET, J. *¿Qué es la filosofía?* Madrid: Alianza Editorial, 1997.
- PANIKKAR, R. *La religión, el mundo y el cuerpo*. Barcelona: Helder, 2014.
- _____. *Religión, Filosofía y Cultura*. In: *Ilu. Revista de Ciencias de las Religiones*, Madrid, 1996.
- TEIXEIRA, J. A. P. Per Realitatem ad Deum: breve iniciação à teofilosofia de Xavier Zubiri. In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, v. 69, n. 1, p. 125-142, 2013.
- WOJTYLA, K. *Persona y acción*. Madrid: BAC, 1982.
- ZUBIRI, X. *Los problemas fundamentales de la metafísica occidental*. Madrid: Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri, 2008.
- _____. *Natureza, História, Deus*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- _____. *Inteligência e realidade*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- _____. *El Hombre y Dios*. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri. 2012.
- _____. *Sobre el sentimiento y la volición*. Madrid: Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri, 2015.